JOAQUIM NABUCO

Armando Dias de Azevedo

Conferência pronunciada na Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, a 19 de agosto de 1949.

Convidado recentemente pelo nosso querido e ilustre diretor para falar na comemoração do centenário do nascimento de Joaquim Nabuco, que hoje transcorre, não me permitiu a escassez de tempo produzisse trabalho digno de ser ouvido pelos corpos docente e discente de nossa Faculdade, que — estou certo — me relevarão o desaprumo, o desalinho, o mau acabamento desta palestra sobre a figura ímpar do grande brasileiro, para mim, tão cativante, desde minha adolescência, constante leitor de sua obra que sempre fui.

E se me permitis que deixe perpassar uma reminiscência pessoal, dir-vos-ei que *Minha formação* eu a li, meditei e assinaliei em dezembro de 1912 ou janeiro de 1913, nas minhas últimas férias do curso de humanidades, antes de ingressar nesta querida Faculdade de Direito, pouco antes de completar 16 anos de idade. Foi essa a primeira obra de Nabuco que conheci e que literalmente me empolgou, a ponto de, num caderninho, que faz pouco encontrei, ter, então, anotado as passagens que mais impressão em mim deixaram.

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu na cidade do Recife, às 8 1/2 horas da manhã de 19 de agosto de 1849, penúltimo dos cinco filhos do baiano Conselheiro José Tomaz Nabuco de Araújo e de sua esposa, a pernambucana D. Ana Benigna Sá Barreto, sobrinha do morgado do Cabo, daquela ilustre progênie dos Paes Barreto.

Não menos conspícua era sua linhagem paterna, pois eram senadores do Império não só seu pai, como seu avô, também de nome José Tomaz, e seu tio-bisavô, José Joaquim, barão de Itapuã, senador pelo Pará e que fôra membro da Constituinte dissolvida em 1823.

Joaquim Nabuco não se contentou em ser filho de papai, mero herdeiro de glórias avoengas, mas revelou seu valor próprio em múltiplas facetas.

Orador, escritor, jornalista, poeta, pensador, homem de sociedade, chefe de família, apóstolo duma causa sublime, historiador,

político, estadista, patriota, advogado, diplomata — tudo isso foi Joaquim Nabuco.

No versar sua individualidade, o difícil é escolher um aspecto para tratá-lo a fundo. Neste ligeiro colóquio procurarei aflorar cada um dos ângulos dessa insigne personalidade.

Orador — Nabuco o foi brilhante, entusiasta, imaginoso, elegante, escoreito, apaixonado, majestoso, em sua apolínea atitude.

Afonso Celso diz dêle que “a voz estridulava como um clarim; dominava os rumores; cortava penetrante e poderosa as interrupções” (1).

A causa sagrada da abolição, a que devotara sua vida, vinha ainda dar mais calor à sua natural eloquência, que o fazia um dos maiores oradores do parlamento brasileiro, naquela época brilhante, em que florescia tribunos como Afonso Celso, Ferreira Viana, Rui Barbosa, Andrade Figueira, Gomes de Castro, Pereira da Silva, José Mariano, César Zama, os dois Martim Francisco, o padre João Manuel, Coelho Rodrigues, Felício dos Santos e tantas outras figuras de primeira grandeza daquela plêiade notável que enobrecia a representação nacional nos últimos anos do segundo reinado.

Nabuco, porém, não foi apenas o orador político. Como conferencista, versou temas de literatura e de história. São modelos desse gênero sua conferência literária sobre Camões e sua conferência histórica do centenário de Anchieta.

Escritor e jornalista — Nabuco o foi primoroso. E’ conhecida sua afirmativa de ser sua frase em vernáculo tradução livre do francês, dada a formação literária francesa que teve pela leitura devoradora da produção das letras gaulesas. O fato é que, como disse não me recordei que escritor patricio, Nabuco falava e escrevia maravilhosamente em português e em inglês, mas ainda melhor em francês.

Seu estilo, em qualquer dessas três línguas, é maravilhoso, encantador. Naturalidade, simplicidade, elegância, clareza (*clarté bien française*) — são seus característicos.

Nabuco, na maturidade, em 1906, publicou em Paris o livro *Penseées détachées et souvenirs*, obra recebida com unânimes encômios pela severa crítica francesa.

Emile Faguet, que não era de fáceis louvaminhas, começou assim seu estudo crítico:

“Joaquim (*sic*) Nabuco — évidemment un pseudonyme — est un homme qui doit approcher de la soixantaine, qui a eu une très forte éducation franco-anglaise, qui a été fortement ému pour un temps par Chateaubriand, par Shelley et par Renan, pour toujours par la Bible; qui n’ignore, du reste, ni la philosophie allemande ni Auguste Comte, qui a passé une partie de sa vie probablement dans

les fonctions diplomatiques au Brésil, qui a moins écrit que lu et moins lu que réfléchi, qui s'est fait ainsi une très forte originalité d'esprit, où il entre un peu de bizarrerie, et qui aime à écrire des *pensées détachées*, à la manière de Nietzsche, plutôt que des livres composés.

"Voilà ce qu'à travers le volume qu'il nous envoie, je lémêle de la personnalité de Nabuco" (2).

O agudo crítico francês acertou em muita cousa: Nabuco tinha, então, 57 anos, tivera educação literária francesa e educação política inglesa, sofrera influência de Chateaubriand, de Shelley, e, principalmente, de Renan. Errou, porém, no principal, levado, aliás, pela pureza da linguagem francesa de Nabuco: êste não era diplomata francês que estivera no Brasil, mas era, então, o grande embaixador brasileiro em Washington, que já servira em Londres e em Roma, e que de *pensamentos soltos* só publicara aquêlê volume, mas que era autor de uma dúzia ou mais de obras de excepcional valor, tendo tido agitada vida política no fim do século passado.

Nabuco foi um dos fundadores da Academia Brasileira, pela qual sempre se interessou, mesmo quando no estrangeiro, como o atesta sua correspondência assídua a respeito dela com Machado de Assis e Graça Aranha.

Os escritos de Nabuco, além do estilo primoroso, se distinguem pela profundidade de conceitos, pela elevação de sentimentos e pela superioridade de critério.

As idéias sociais, que, ainda moço, durante a cruzada abolicionista, sustentou, são bem adiantadas.

Em 1884, em discurso parlamentar, afirmava que "as reformas de que imediatamente necessitamos são reformas sociais que levantem o nível do nosso povo, que o forcem ao trabalho e dêem em resultado o bem-estar e a independência que ainda não existem e de que nenhum governo ainda cogitou para a nação brasileira", e acrescentava: "Eis a razão pela qual abandonei no parlamento a atitude propriamente política para tomar a atitude do reformador social. Foi porque também eu me desenganei das reformas políticas" (3).

Dava Nabuco ao trabalho o devido valor na produção, como se vê dêste trecho dum discurso, dirigindo-se aos operários:

"Eles (os ricos) representam a riqueza acumulada, vós representais o trabalho, e as sociedades não vivem pela riqueza acumulada, vivem pelo trabalho" (4).

De outra feita, falando também a trabalhadores, exclamou:

"...se eu tivesse de escolher uma classe com a qual devesse identificar a minha candidatura, não procuraria nem os proprietários do solo, a quem chamam a lavoura; nem os descontadores de safras, a

(2) *Apud* GRAÇA ARANHA, *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, pág. 216.

(3) *Apud* GILBERTO FREYRE, *Joaquim Nabuco*, págs. 28-24.

(4) *Apud* CELSO VIEIRA, *Joaquim Nabuco*, pág. 153.

quem chamam o comércio; nem os empregados públicos, que representam a enfermidade social por excelência; nem as profissões científicas, que formam uma aristocracia intelectual, grande demais para um povo tão deprimido como o nosso; escolheria, sim, o insignificante, o obscuro, o desprezado elemento operário, *porque está nêlê o germe do futuro da nossa Pátria*; porque o trabalho manual, sômente o trabalho manual, dá fôrça, vida, dignidade a um povo..." (5).

Poeta — ao que parece, Nabuco não o foi tão brilhante. Dêlê não conheço nem o livro de versos *Amour et Dieu*, nem o drama *L'option*, a não ser dêste fruto de seu grande amor à França os trechos que sua filha Carolina transcreve na bela biografia, e daquêlê as quadras que êle mesmo reproduz em *Minha formação*.

Minha impressão foi boa, mas os críticos acham que a poesia foi em Nabuco o ponto baixo. Êle próprio, mais tarde, na idade madura, dotado de apurado e seguro senso de auto-crítica, desconfiou serem exagerados os louvores ditirâmbicos com que Renan acusou e agradeceu a dedicatória de *Amour et Dieu*, principalmente depois que leu nos *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* a confissão do escritor de que julgava que, desde 1851, não praticara nenhuma mentira, "exceto, naturalmente, as mentiras alegres de pura eutrapélia, as mentiras oficiosas e de polidez, que todos os casuístas permitem, e também os pequenos subterfúgios literários exigidos, em vista de uma verdade superior, pelas necessidades de uma frase bem equilibrada ou para evitar um mal maior, como o de apunhalar um autor". Nabuco, ao ler isso, enfiou o barrête, principalmente, quando deparou com o seguinte: "Um poeta, por exemplo, nos apresenta os seus versos. E' preciso dizer que são admiráveis, porque sem isso seria dizer que êles não têm valor e fazer uma injúria mortal a um homem que teve a intenção de nos fazer uma civilidade" (6).

Pensador — Nabuco revelou-se tal em todos os seus livros e em todos os seus escritos e discursos.

Pensées détachées são a mais robusta prova dessa afirmativa.

Faguet foi percuciente na apreciação da obra, mas aí ainda falhou no diagnóstico, justamente no ponto em que, reconhecendo, aliás, a religiosidade de Nabuco, teve a impressão — *ce me semble*, escreveu — não pertencesse a nenhuma confissão religiosa (7).

Quando Nabuco escreveu aquêlê livro já era católico praticante, católico do credo e dos mandamentos.

Sua conversão se operara através duma longa trajetória, erichada de abrolhos, pela confissão com um sacerdote católico, em Londres, a 28 de maio de 1898, consumando-se, a 2 de dezembro do mesmo ano, no Rio de Janeiro, pela Comunhão, recebida das mãos do padre

(5) *Apud* CELSO VIEIRA, *o. c.*, págs. 153-154.

(6) JOAQUIM NABUCO, *Minha formação*, pág. 73.

(7) *Apud* GRAÇA ARANHA, *o. c.*, pág. 216.

Bos, o santo lazarista francês, tão amigo do Brasil, precursor da idéia da estátua de Cristo no Corvocado. Essa Comunhão Nabuco a considerou a primeira, porque, quanto às do tempo do colégio, as reputava como ato que não compreendia bem.

Escreveu, então, em seu diário:

"Graças a Deus, das cinzas da minha fé pude tirar a pequena lâmpada que hoje acendi em honra do Cristo em meu coração e que alumiará a minha morte. Estou grato pelo recolhimento com que recebi o sagrado corpo de Deus, e espero que ele se disseminará como alento por todo o meu ser desanimado e como luz pelo abismo que eu trazia dentro de mim. As minhas dúvidas hoje empalideceram tôdas, fugindo como as corujas do campanário ao raiar do sol..." (8).

Ele próprio nos contou em *Minha formação* como perdera a fé aos dezoito anos, quando aluno da Faculdade de Direito de S. Paulo, ao contato dos companheiros e levado pelos ridículos preconceitos do cientificismo da época. Grande foi a influência de Renan sobre Nabuco e essa influência não foi só literária. A magia do estilo do apóstata exerceu sobre muitas inteligências prestígio sem igual. Sobre Nabuco o predomínio do exegeta heterodoxo se fez sentir avassalador, mas como diz Carolina, "no fundo, julga ficar devendo um favor a Renan, porque, feito por outro, o mal teria sido talvez irremediável" (9).

No manuscrito inédito *Foi voulue*, Nabuco afirma:

"Eu não teria sentido durante todo o meu afastamento da fé essa nostalgia que experimentam sempre aqueles a quem Deus reserva ainda a volta" (10).

Essa nostalgia da religião explica porque, mais tarde, escreveu: "Crer é entregar-se inteiramente" (11).

"Só a religião, entre as forças humanas, não é sujeita à diminuição, pois, quando a comprimem, sobe. Ganha sempre em altura o que perde em superfície" (12).

O orador que, em 1873, em plena questão religiosa, debaterava contra o ultramontanismo e o jesuitismo, que, em lamentável incoerência, ele, o liberal, o amigo da liberdade, pregava o mais feroz regalismo amordaçador da liberdade religiosa, que se alarmava com a idéia de se tornar o Brasil uma província da Companhia de Jesus (13), ele, o filho do católico regalista que proibira novas profissões nas ordens religiosas, fadadas a desaparecerem — ele, um quarto-de-século mais tarde, era quem proferia, em memorável conferência, estas palavras *aere perennius*:

(8) CAROLINA NABUCO, *A vida de Joaquim Nabuco*, pág. 339.

(9) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 331.

(10) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 31.

(11) JOAQUIM NABUCO, *Pensamentos soltos*, n.º 22, pág. 6.

(12) JOAQUIM NABUCO, *Pensamentos soltos*, n.º 26, pág. 7.

(13) CELSO VIEIRA, o. c., pág. 53.

"Acrediteis, se não fôsse o catolicismo, que o Brasil seria o grande bloco de continente que vai das Guianas do Amazonas às Missões do Paraná? Acrediteis, se não fôsse o catolicismo, que esse território não se teria pelo menos dividido em três ou quatro imensos fragmentos, um huguenote, outro holandês, o terceiro espanhol, o quarto, apenas, brasileiro, como o somos hoje? Isso quanto ao território, o soberbo, incomparável apanágio português na América, intato, enquanto o morgadio espanhol se desmembrou, e que faz dêste país uma das três ou quatro maiores casas da terra. Quanto à população, acrediteis que, sem o catolicismo, tivesse sido possível fundir, pelo modo por que o foram, em uma nacionalidade homogênea, o indígena, o português e o africano? O indígena? Duvidais de que, sem a ação do catolicismo, o indígena teria sido exterminado pelo mais bárbaro dos cativos, após as mais terríveis de tôdas as *razzias*? O branco? Duvidais de que a raça branca e os seus cruzamentos, adquiriram nessas atrozias correrias, nesses costumes de rapina humana, instintos que fariam do brasileiro o igual do caçador de escravos sudanês? O africano? Supondes, se não fôra o catolicismo, que o negro bárbaro da África daria em pouco tempo êsse sublime tipo de resignação e doçura, que foi tanta vez o nosso escravo, o qual, escravo pelo cativo e pelo castigo, achava ainda meio de fazer-se escravo voluntário pela gratidão e pelo amor? Ou pensais que tudo isso se teria dado, mesmo sem a Companhia de Jesus?" (14).

E, particularizando a atuação de Anchieta e dos jesuítas, exclamou:

"No centenário de Anchieta é impossível que se trate de glorificar só um homem. Êsse homem é nada, é pó que se desfaz, é um instrumento que fica inerte e sem valor, se o isolardes do corpo moral a que pertence; se o destacardes, no intuito de melhor o honrar individualmente, da sociedade em que ele se fundiu. Não lhe poderíeis fazer maior violência, oferecer-lhe um cálice mais amargo, do que pretender fazê-lo valer por si só ou por si mesmo. Como unidade histórica, Anchieta é tão inseparável de Nóbrega, de da Grã, de Inácio de Azevedo, como de Simão Rodrigues e Inácio de Loyola. Sua glorificação tem que ser forçosamente a do espírito que o animava e impelia, isto é, o da Sociedade de Jesus, à qual, como todo jesuíta, ele amou acima de tudo, abaixo de Deus" (15).

E, mais adiante, proclamou a benemerência da Companhia de Jesus, com estas palavras:

"Não tenhamos receio de confessar que devemos à Sociedade de Jesus, como eu disse, o nosso traço perpétuo. Não há outro molde

(14) JOAQUIM NABUCO, *Escritos e discursos literários*, págs. 127-128.

(15) JOAQUIM NABUCO, *Escritos e discursos literários*, pág. 126.

em que se possam fundir para sempre raças, sociedades, individualidades mesmo, senão o molde religioso. Se o Brasil tivesse sido lançado em outra forma, há muito que se teria feito em pedaços. Qualquer que seja o nosso modo de pensar sobre a verdade da religião, em um sentimento estaremos todos acordes: que ela é o traço moral permanente, o traço por excelência" (16).

Homem de sociedade — Nabuco o foi em toda a extensão da palavra. Nos salões das missões diplomáticas, em Londres, em Roma, em Washington, no parlamento brasileiro, nos salões de Paris, no Vaticano, na memorável audiência com Leão XIII, Nabuco foi sempre o fino *gentleman*, o brilhante *causeur*, o homem de máscara beleza, e de agigantada estatura que seduzia pelos dotes físicos, pelo caráter adamantino, pela lhanza de seu trato, pela fidalguia de suas maneiras, pela elegância de seu traje, pela *verve* de sua palestra.

Chefe de família — Nabuco veio a sê-lo em vésperas dos quarenta anos, quando, vitoriosa a causa do abolicionismo, a que devotara sua vida, veio a casar com D. Elvira Tôrres Soares Ribeiro, filha do Barão de Inoã, existindo dêsse matrimônio os seguintes filhos: Dr. Maurício Nabuco, atual embaixador do Brasil nos Estados Unidos; Monsenhor Joaquim Nabuco, vigário da paróquia de Santa Teresa, no Rio, e culto escritor; Dr. José Tomaz Nabuco, notável advogado e publicista; e as brilhantes escritoras Mariana Nabuco, autora de obras religiosas, e Carolina Nabuco, romancista e autora da notável biografia paterna, escrita com tanta piedade filial.

Apóstolo da causa sublime da abolição da escravidão — Nabuco o foi durante mais de vinte anos, até a vitória da mesma.

Pela pena e pela palavra, na imprensa, na tribuna parlamentar e na tribuna popular, com argumentos jurídicos, com deduções de fundo político e social, com o sentimento, utilizando, pois, a razão e o coração, — Nabuco encheu aquele período de nossa história com o seu verbo mágico, a serviço da causa da abolição.

Nessa cruzada terça armas até com republicanos, pois o grande órgão *A República* deixa transparecer que o novo partido encontrara já aliados — escreveu Celso Vieira — “na zona agrária, onde explodia o ressentimento dos senhores de escravos, atribuindo ao Imperador os danos emergentes da lei do ventre livre” (17).

A República, nessa polêmica com Nabuco, chegou a escrever que “a escravidão ainda que mal, representa um grande interesse de ordem moral e econômica, e todo o grande interesse oculta em seu fundo um grande direito...” (18).

E’ paradoxal e parece até incrível que o órgão dum partido novo, que inscrevia em sua bandeira idéia democrática, que pretendia, até,

(16) JOAQUIM NABUCO, *Escritos e discursos literários*, pág. 138.

(17) CELSO VIEIRA, o. c., pág. 58.

(18) CELSO VIEIRA, o. c., pág. 58.

ter o monopólio dessa idéia, por um baixo cálculo de tática política, se mostrasse tão retrógrado. Não é de admirar que Nabuco, decepcionado com a atitude dêsses opositores, desde então, associasse, no dizer de Celso Vieira, “com freqüência os males do cativo às perspectivas republicanas, atraído pela monarquia libertadora” (19).

Os altos e baixos dessa inolvidável campanha, êle, em síntese magistral, assim os apresentou:

“Tudo na abolição prende-se, não se pode escrever-lhe a história suprimindo qualquer de seus elos... E’ um fato a reter: a compensação vai sempre além, muito além dos prejuízos que ela sofre, e, dêsse modo, até êles a favorecem. Assim morre Ferreira de Menezes, mas Patrocínio toma a *Gazeta da Tarde*; a minoria abolicionista de 1879 não é reeleita, surge a Confederação Abolicionista; quando o Ceará conclui a sua obra, o Amazonas começa a dêle; demitido um presidente de província (Teodoreto Souto), é nomeado um Presidente do Conselho (Dantas); organizada a ação da polícia, aparece a agitação no exército; às sevícias de Paraíba do Sul e de Cantagalo sucede o combate de Cubatão; morto José Bonifácio, toma o seu lugar em S. Paulo Antônio Prado; repellido pela Câmara José Mariano, o Recife derrota o ministro do Império; vacilando o partido liberal, move-se o partido conservador; parte o Imperador, fica a Princesa” (20).

Só de sua atuação silencia Nabuco, mas ela foi criteriosa, entusiástica, empolgante.

Recrudescer o movimento abolicionista. Em 1887, vários bispos, em suas cartas pastorais, pregam vigorosamente contra a maldita instituição da escravidão. As províncias do Ceará e do Amazonas emancipam seus escravos.

O Imperador, gravemente enfêrmo, segue para a Europa, deixando a Princesa Isabel na regência. Cotegipe, presidente do Conselho, julga imprudente a emancipação completa. Mas a Princesa Regente insiste em que o gabinete se manifeste a favor da abolição imediata.

Nessa época, Nabuco, na Europa, pede uma audiência ao Papa Leão XIII, a quem suplica “uma palavra que prenda a consciência de todos os verdadeiros católicos” (21).

“*Ce mot je le dirai, vous pouvez en être sûr* — respondeu o Papa, e quando o Papa tiver falado, todos os católicos terão que obedecer” (22).

Essa audiência, com as palavras do Papa, descrita por Nabuco n’*O País*, causa funda impressão.

Os acontecimentos se precipitam.

(19) CELSO VIEIRA, o. c., pág. 58.

(20) JOAQUIM NABUCO, *Minha formação*, págs. 232-233.

(21) JOAQUIM NABUCO, *Minha formação*, pág. 270.

(22) JOAQUIM NABUCO, *Minha formação*, pág. 270.

Cotegipe demite-se e a Princesa chama o conservador emancipacionista João Alfredo a presidir o novo ministério.

Os pequenos príncipes, filhos da regente, redigem e imprimem um jornal, o *Correio Imperial*, pregando a abolição imediata.

O deputado Joaquim Nabuco, de volta da Europa, assim começa, a 7 de maio de 1888, o seu discurso na Câmara.

"Não, sr. presidente, não é este o momento de se fazer ouvir a voz dos partidos. Nós nos achamos à beira da catadupa dos destinos nacionais e junto dela é tão impossível ouvir a voz dos partidos, como seria impossível perceber o zumbido dos insetos atordoados que atravessam as quedas do Niagara" (23).

No dia seguinte é apresentado pelo novo gabinete o projeto de lei abolicionista, com estas simples palavras:

"Art. 1.º — E' declarada extinta a escravidão no Brasil".

"Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário".

Apenas houve o acréscimo, proposto pelo deputado Araújo Goes, ao art. 1.º: "desde a data da lei".

Triunfalmente, com poucos votos contrários, ambas as casas do parlamento votam a lei, pela supressão dos interstícios regimentais, proposta por Nabuco.

E assim, a 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel, tendo descido cedo de Petrópolis, aguardava impaciente a votação final do Senado, sancionando ela a lei no paço da cidade do Rio de Janeiro, às 15 horas e 15 minutos.

"Então — narra Celso Vieira — a uma janela do paço, fronteira ao mar, veio Joaquim Nabuco; refulge-lhe nessa moldura o perfil, tocado pelo sol; e quando o libertador, erguendo a voz, proclamou à turba fremente, ondeante por todo o largo, não mais existirem escravos no Brasil, foi tudo como a instantânea visão solar de um emissário do alto, que anunciasse à terra o advento da liberdade" (24).

Historiador — Nabuco o foi, a conselho de Renan, como êle o conta em *Minha formação*.

Versou os temas históricos com ampla visão sociológica e política. Sua obra-prima nesse gênero foi *Um estadista do Império*, em que, a pretexto de biografar a grande figura de seu pai, traçou a história política brasileira no reinado de D. Pedro II, tanto assim que, tendo falecido o Conselheiro Nabuco em 1878, êle não deixou o estudo nessa data, mas, na conclusão, a largas pinceladas, fez um apanhado dos últimos dez anos do Império.

Político — Nabuco o foi visceralmente, não o político de partido, confinado unicamente na mentalidade exclusivista de clã feudal, mas o político apaixonado por uma grande idéia e que a quer ver realizada para o bem da Pátria, não desdenhando de a ver encaminhada pelo

(23) CAROLINA NABUCO, *A vida de Joaquim Nabuco*, pág. 242.

(24) CELSO VIEIRA, o. c., págs. 193-194.

adversário, como sucedeu com a abolição, cujas principais etapas foram realizadas pelo partido conservador no poder.

A constante direttriz política de Nabuco foi o liberalismo à inglesa. Em *Minha formação* mostra-nos como foi fiel a essa orientação e como, por causa dela, e, no seu entender, atendendo ao caso brasileiro, êle era um entusiasta da monarquia parlamentar. O livro de Bagehot sobre a Constituição Inglesa exerceu poderosa influência nesse sentido, neutralizando o prestígio do regime dos Estados Unidos, que, então já começava a seduzir tantos espíritos e a que êle próprio não foi de todo insensível, em sua admiração pela grande República do norte.

E' assim que, embora grande admirador de Thiers e defendendo sua atitude republicana, êle torcia por uma monarquia na França, à época em que o Conde de Chambord se apresentava ao seu povo como o representante da tradição, com a antiga bandeira branca da Realeza.

Muito embora, durante a cruzada abolicionista, êle se impacientasse com a cautelosa prudência do Imperador, fazendo-o, por vezes, explodir em objurgatórias contra o regime, o que, aliás, era muito comum até entre os monarquistas mais conservadores quando na oposição, muito embora isso, Joaquim Nabuco assim escrevia em 1873:

"Em relação à monarquia no Brasil aquêlê toque do espírito inglês bastou para traçar-me uma linha de que eu não poderia afastar-me, mesmo querendo. Era um ponto de honra intelectual, um caso de consciência patriótico definitivamente resolvido em meu espírito, aos vinte e três anos. Suprimir a monarquia que tínhamos ficou claro para mim desde então, era uma política a que eu não poderia nunca associar-me; eu poderia tanto banir, deportar o Imperador, como atirar ao mar uma criança ou deitar fogo à Santa Casa. Quebrar o laço, talvez providencial, que ligava a história do Brasil à monarquia, era-me moralmente tão impossível, como me seria no caso de Calabar entregar Pernambuco por minhas próprias mãos ao estrangeiro. Faltar-me-iam forças para uma intervenção dessas no destino do meu país. Seria atrair sobre mim um golpe de paralisia, ferir-me eu mesmo de morte moral. Minha coragem recuava diante da linha misteriosa do Inconsciente Nacional. O Brasil tinha tomado a forma monárquica, eu não a alteraria" (25).

Em agosto de 1888 escrevia Nabuco:

"A missão da Monarquia no Brasil não tem exemplo na história das dinastias. O primeiro Imperador criou a nacionalidade, o segundo constituiu a Nação e sua filha, numa curta regência, aproveitando o que ela mesma havia iniciado, realizou a abolição, fundando a igualdade social. Um criou a Pátria, outro a Nação e a terceira pessoa dessa Trindade nacional criou o Povo" (26).

(25) JOAQUIM NABUCO, *Minha formação*, pág. 133.

(26) Apud AFONSO CELSO, *O Imperador no exílio*, pág. XXIII.

Escrevendo, em 1895, os capítulos de *Minha formação*, assim se exprimia a respeito da dinastia imperial brasileira:

"Esta dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia européia de que era herdeiro; seu filho encontra aos quinze anos o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e faz tudo isso sem tocar nas liberdades políticas do país que durante cinquenta anos são para ele um *noli me tangere*... Por último, sua filha renuncia virtualmente o trono para apressar a libertação dos últimos escravos... Cada reinado, contando a última regência da Princesa como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, a do Estado; o segundo, a da nação; o terceiro, a do povo... A coluna está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendência do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Dêste o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... É a ordem do destino para que a dinastia brasileira fôsse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de esquecer a sua tradição" (27).

Nabuco era partidário da federação e se esforçara, tanto durante o movimento abolicionista como após sua vitória, por que o partido liberal a inscrevesse em seu programa.

Em 1889 escrevia:

"...Não quero fazer a república, e, sem o partido liberal, é impossível fazer a monarquia federativa. Monarquista, continuarei a ser firme como um rochedo" (28).

Proclamada a República, Nabuco, em 1890, explicando porque continuava partidário da monarquia, assim escreveu:

"De fato, a república, moralmente falando, só tem perdido terreno desde 15 de novembro. Não se verificou somente que o país não estava preparado para ela, mas também, o que é talvez pior, que ela não estava preparada para o governo. Diz-se que ela não tinha homens, é um perfeito engano; ela tinha a seu serviço, além de uma brilhante mocidade, para secundá-los, dez vezes mais homens de alto mérito do que era preciso para organizar-se democraticamente em todo o país. O que ela não tinha era princípios".

"Eu sou o primeiro a dar testemunho de que o partido republicano foi inicialmente um movimento de aspiração democrática; o primeiro grande contingente, porém, que ele recebeu, o da escravidão, fê-lo perder de vista o povo; e o segundo contingente, o do exército,

(27) JOAQUIM NABUCO, *Minha formação*, pág. 249.

(28) CELSO VIEIRA, o. c., pág. 209.

que o tornou vencedor sem combate, fê-lo perder de vista a própria república" (29).

Julgando-se assim incompatibilizado com o regime republicano presidencial, combateu-o pela pena, mas, em breve, se foi desiludindo da possibilidade de restauração monárquica, principalmente após a morte de Saldanha da Gama, de quem era dileto amigo e grande admirador.

Foi então que se refugiou por completo na advocacia e, se pouco se sabe de sua atuação profissional no patrocínio de interesses privados, mais conhecido é seu trabalho como advogado do Brasil no litígio anglo-brasileiro sobre a fronteira com a Guiana, em que Vitor-Manuel III da Itália, o árbitro escolhido contra a vontade de Nabuco, que preferia negociações diretas, resolveu, em sua barata sabedoria pseudo-salomônica, atentar contra o direito do Brasil, exorbitando de sua competência.

Advogado e escritor, retirado da atividade política, foi a ele que apelou o Presidente Campos Sales, naquela emergência, a fim de preparar e defender a causa do Brasil no litígio da Guiana Inglesa.

Ao findar aquela primeira década do regime republicano, ainda eram bem vivas as paixões de lado a lado, e, assim, a aceitação raciocinada de Nabuco de servir o Brasil em uma tal função não foi bem compreendida por todos os monarquistas, pois muitos tinham a mentalidade de *émigrés à l'intérieur*, chegando a apodá-lo de apóstata, nem tampouco por todos os republicanos, muitos dos quais imbuídos de jacobinismo e de intolerância.

Mas, nessa ocasião, Nabuco, antecipando a atitude de Rio Branco, se revelou o patriota, que colocava a Pátria acima da transitoriedade do regime. Não menos nobre foi a atitude do Presidente Campos Sales buscando aquela valiosa colaboração.

A Princesa Isabel, como relata Carolina Nabuco, fez chegar a Joaquim Nabuco um recado de simpatia: "Quero que o Sr. Nabuco saiba que aprovo o seu ato de patriotismo, como meu Pai, se fôsse vivo, também o aprovaria" (30). Também Eduardo Prado, monarquista convicto e militante, defendeu vigorosamente a aceitação de Nabuco.

Pouco depois, morre Sousa Correia, ministro brasileiro em Londres, que estava a discutir com o *Foreign Office* o caso da fronteira com a Guiana. Nabuco foi o naturalmente indicado para suceder-lhe, continuando sozinho a discussão dos nossos direitos.

Foi então Nabuco nomeado e na capital inglesa, onde já residira na mocidade e que tanto estimava, passou a representar os nossos interesses, preparando a defesa de nossos direitos.

(29) CAROLINA NABUCO, *A vida de Joaquim Nabuco*, pág. 290.

(30) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 350.

Em 1905 o Brasil eleva sua legação em Washington à categoria de embaixada, a primeira nossa, sendo Nabuco nomeado para seu titular. Era, àquela época, Presidente da grande república Teodoro Roosevelt. De grandes personalidades era composto o corpo diplomático estrangeiro ali acreditado. Basta citar os nomes do inglês James Bryce e do francês Jusserand. Nabuco veio completar essa trindade eminente e sobrepoujou a êles.

Descrever o que foi a atuação de Nabuco naquela embaixada exigiria alentado estudo. Não foi êle um mero embaixador burocrata. Homem de sociedade, dava e aceitava recepções. Fazia por todos os modos a inteligente propaganda do Brasil e a política de boa vizinhança. Era o embaixador da cultura brasileira. Disputavam-no as Universidades americanas para conferências. E foi assim que o grande embaixador brasileiro falou no mais puro inglês, com assombro dos nossos amigos do norte, nas Universidades de Yale, de Washington, de Chicago, de Wisconsin e de Cornell, versando os mais variados temas, — Camões poeta lírico e épico, as possibilidades científicas do Brasil, o espírito de nacionalidade na história do Brasil, o quinhão da América na civilização, a aproximação das duas Américas.

Em 1906 reviu a Pátria, vindo ao Rio, depois duma apoteose no Recife. Foi por ocasião da Conferência Pan-Americana que pronunciou um discurso em que, pela vez primeira, falava perante auditório brasileiro como embaixador da República, e no qual se conformava com o regime vigente, o que desagradou aos monarquistas, obrigando-o a esclarecer:

“Eu não aderi à República, porque ninguém tem o direito de dizer que adere às leis e às instituições de seu país” (31).

Acrescentou:

“Eu não fiz, porém, ato de contrição, e nem tinha de que fazer, porque as minhas intenções foram sempre as mais puras, e nem um só dia, estabeleci competência entre a dinastia e o país” (32).

Aditou ainda:

“Eu estou quite com a minha fé monárquica, porque a envolvi religiosamente na mortalha de púrpura em que dormem as grandes dinastias fundadoras” (33).

Foi o que Carolina Nabuco denominou sua “reconciliação com a República” (34).

O indefeço trabalho que Nabuco desenvolvia no seu pôsto diplomático, multiplicando-se em iniciativas patrióticas, lhe ia minando as forças de lutador que sempre foi. Aquêlo homem de beleza apolínea estava fisicamente velho aos sessenta anos.

(31) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 356.

(32) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 357.

(33) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 357.

(34) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 343.

Apesar disso, em 1909, sua atividade não diminui, e, ainda, a 25 de novembro, no *Thanksgiving*, quando o povo *yankee* se ajoelhava para a tradicional ação de graças ao Criador, Nabuco profere seu último discurso — na expressão de Celso Vieira, “um ato de eloquência e de fé, rendendo graças à Divindade” (35).

Depois, o declínio vai rápido e — diz sua filha Carolina — “a 17 de janeiro de 1910, a morte o colheu, sem sofrimento nem decadência, em pleno gôzo de seu admirável espírito” (36).

Um ano antes, escrevera êle em seu diário:

“Minha esperança, minha oração fervorosa, é que quando eu seja afetado pela doença da velhice não o seja na parte de mim que Deus criou à sua imagem. O corpo pode ser demolido, não seja nunca o espírito, e, se acaso o fôr, que eu tenha a doce mania mística e não o esquecimento de Deus” (37).

A misericórdia divina lhe foi propícia, morrendo êle em plena pujança intelectual.

Falecido longe da Pátria, seu corpo veio, após homenagens excepcionais em Washington, trazido por um navio de guerra americano, primeiro para o Rio, e, após, levado por um vaso de guerra nacional, o *Carlos Gomes*, para o Recife, onde repousam seus restos mortais, conforme vontade por êle expressa.

Assim foi Joaquim Nabuco, a grande figura que atravessou quarenta anos de história pátria, metade dos quais consagrada a uma causa santa, e a outra metade à ação política, às letras, à história, à diplomacia — mas sempre à grandeza do Brasil, de que foi filho amante em extremo.

Êle também que tantos anos viveu longe da Pátria, mas para melhor a servir, podia dizer como seu grande amigo Rio Branco: *Ubique patriae memor*.

(35) CELSO VIEIRA, o. c., pág. 299.

(36) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 508.

(37) CAROLINA NABUCO, o. c., pág. 508.